



FUTURO INCERTO: UMA ANÁLISE DE NEUROMANCER DE WILLIAM GIBSON COMO SINTOMA DA CRISE NO TEMPO

Letícia Ruoso Wehmuth¹

Resumo: Atualmente a literatura se configura como uma importante fonte histórica, capaz de demonstrar certas perspectivas que não aparecem em outros formatos, captar certos imaginários, anseios, e outros sentimentos relacionados ao seu contexto de produção. Buscamos nesse artigo analisar uma parte específica da ficção científica, as distopias, que são as narrativas que se ambientam em um futuro construído como catastrófico. As distopias, que se tornaram mais recorrentes na segunda metade do século XX, são sintomas de uma profunda mudança na forma como os homens se apropriam do tempo. Elas representam uma descrença generalizada com o futuro, decorrente da falência de alguns ideais que foram pregados e seguidos durante alguns séculos como o progresso, que foi parte essencial para construção do mundo contemporâneo, movendo a economia industrial. Essa mudança seria o que o historiador François Hartog conceitua como crise no tempo que causou a transformação do regime de historicidade consolidando o presentismo. Trabalhamos especificamente com a obra *Neuromancer*, publicada em 1984 pelo americano William Gibson, o qual sintetiza em sua narrativa expectativas em relação ao contexto, marcado nos EUA pelo governo de Ronald Reagan, os últimos andamentos da Guerra Fria e uma preocupação sobre o avanço da tecnologia e seu impacto na transformação da humanidade. A obra retrata essa mudança de abertura maior ao presente e de fechamento do futuro, que é cada vez mais visto como uma ameaça.

Palavras-chave: distopias, literatura, presentismo.

Por muito tempo a literatura foi uma fonte renegada pela história, considerada o completo contrário da verdade que a ciência poderia trazer. Nesse momento de cientificação da história a literatura era apenas um discurso de ficção que não poderia contribuir com o conhecimento sobre o passado. Porém, nas últimas décadas a literatura foi retomada como uma fonte extremamente importante, por alcançar certas particularidades que fogem a outros formatos de fontes.

¹ Mestranda em história no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Bolsista CAPES. E-mail: leticiaruosow@gmail.com



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Esse artigo se insere nessa valorização da literatura como fonte para história, e tem como base especialmente um formato de obras que são chamadas de distopias. As distopias são um tipo de narrativa que se desenvolveu como um braço da própria ficção científica, um gênero há muito consolidado dentro da literatura. São chamadas de distopias exatamente por serem o contrário da utopia. Na utopia temos o desenvolvimento de uma narrativa que traz uma projeção positiva, da qual os problemas da sociedade foram resolvidos. Ao contrário, as distopias são aquelas que utilizam a projeção futura apenas para aprofundar os problemas que já existem em uma sociedade e torná-los ainda mais evidentes e assustadores. É da natureza desse tipo de narrativa ser extremamente crítica e por muito, podemos chamá-las de catastróficas, porque em sua crítica expõem a própria realidade servindo como incômodo ao leitor.

As distopias se tornaram muito mais relevantes dentro da literatura mais pro final do século XX, o que nos revela que nesse contexto cresce uma grande desesperança quando pensamos acerca do futuro, o que tem uma relação direta com os traumas trazidos pelo século XX e sobre alguns ideais, antes mobilizadores que entraram em falência. Atualmente estamos cercados por esse discurso distópico, que se iniciou na literatura, mas hoje está em outros formatos como filmes, séries e ainda grandes sucessos nos vídeos games que se apropriaram dessa visão de catástrofe.

Nos interessa particularmente ainda, um tipo de distopia que são as narrativas que se inserem dentro de uma relação direta entre um futuro catastrófico que apenas acontece pelo mal uso de uma das ferramentas humanas mais poderosas; a tecnologia. Dentro desse recorte a fonte da pesquisa é a obra *Neuromancer*, publicada em 1984 pelo norte-americano William Gibson. Esse livro tem uma importância para a sintetização do que depois ficou conhecido como cyberpunk, ou seja, um estilo dentro das distopias e dentro da ficção científica que mistura uma sociedade extremamente tecnológica, porém degradada e a estética punk complementa uma ambientação urbana que é caótica e suja. É possível perceber que Gibson conseguiu dentro da obra unir muito do contexto dos anos 80 para fazer sua projeção futura, da qual há um grande medo do fim do mundo, trazido especialmente pelos andamentos da Guerra Fria, assim como do crescimento do conservadorismo no governo de Ronald Regan



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



nos EUA, e ainda o posicionamento desesperançoso sobre o futuro construído pelo movimento punk que é extremamente crítico a tudo ao seu redor.

Na narrativa de Neuromancer temos como protagonista Henry Case um cowboy, o que chamaríamos hoje de hacker, que se apresenta como um dos melhores dessa profissão dentro desse universo tecnológico gerido pela matrix, o ciberespaço, uma rede de decks² que criam uma realidade que pode ser acessada “corporalmente” através de um processo virtual conectado a mente. Porém, quando a narrativa se inicia Case está parado porque foi intoxicado por seus antigos patrões, que ele tentou roubar. Com essas toxinas, ele não pode acessar a matrix e gasta tudo o que tem tentando reverter isso. Sobre esse sentimento o autor descreve:

Case tinha vinte e quatro anos. Aos vinte e dois era um cowboy, cowboy fora da lei, um dos melhores do Sprawl. Ele havia sido treinado pelos melhores, McCoy, Pauley e Bobby Quinw, lendas no negócio. Na época, operava um barato quase permanente de adrenalina, subproduto da juventude e da proficiência, conectado num deck de ciberespaço customizado que projetava sua consciência desincorporada na alucinação consensual que era a Matrix. Ladrão que trabalhava para outros ladrões, mais ricos, empregadores que forneciam o software exótico necessário para penetrar muralhas brilhantes de sistemas corporativos, abrindo janelas para fartos campos de dados. (GIBSON. 2016, p. 26.)

Case trata esse fato como uma verdadeira morte, sua vida não tem sentido algum fora do mundo virtual. O que é uma crítica contundente da obra dessa relação do homem com a tecnologia, que se tornará um verdadeiro vício, do qual não poderemos viver sem.

Danificaram seu sistema nervoso com uma microtoxina russa dos tempos da guerra. Amarrado a uma cama de hotel em Memphis, seu talento queimando micron a micron, alucinou por trinta horas. Para Case, que vivia até então na exultação sem corpo do ciberespaço, foi a Queda. Nos bares que frequentava no seu tempo de cowboy fodão, a postura da elite envolvia um certo desprezo suave pela carne. O corpo era carne. Case caiu na prisão da própria carne. (GIBSON. 2016, p. 26.)

Buscando reverter a situação, Case se envolve em um misterioso trabalho com Armitage, da qual a condição para remover as toxinas era que Case soubesse pouco sobre o que esse trabalho seria. Depois que ele recupera seu acesso à matrix, gradativamente fica claro para Case e Molly, uma mercenária que também trabalhava para Armitage, que quem

² Palavra de Gibson para o que hoje chamamos de computadores.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



trabalha por trás de Armitage é uma grande e poderosa inteligência artificial chamada de Wintermute. Essa IA tem como origem uma empresa que detinha grandes monopólios tecnológicos chamada de Tessier-Ashpool. A esposa de um dos fundadores tinha uma ideia de que apenas IAs muito poderosas poderiam continuar o legado da empresa, mesmo quando eles já não estivessem mais aqui. Escondida, ela criou algumas dessas IAs, porém Wintermute se tornou poderoso demais e age sozinho com autonomia, seu objetivo no livro é se unir a outra IA chamada de Neuromancer, e assim ser superpoderoso e controlar toda a matrix.

Outra questão marcante dentro da obra, para além da matrix, a tecnologia também está presente quando o homem está fora do ciberespaço. Ou seja, mesmo quando não se tem esse contato direto entre máquina e mente, as máquinas estão presentes como complemento para o corpo. Dentro dessa narrativa há uma discussão sobre os limites que nós humanos enfrentamos, que tem relação direta com a nossa natureza biológica. A tecnologia dentro da obra é usada para passar esses limites, oferecendo super força ou até mesmo uma longa vida. É também marcante o quanto a cirurgia plástica é normalizada, assim como outros tipos de modificações. A personagem Molly demonstra bem como funcionam essas adaptações.

Ele percebeu que as lentes eram implantadas cirurgicamente, fechando as cavidades de seus olhos. As lentes de prata pareciam brotar da pele branquinha e macia sobre as maçãs do rosto, emolduradas por cabelos pretos cortados de modo selvagem. Os dedos fechados ao redor da pistola de dardos eram compridos, brancos e com unhas pintadas de bordô. As unhas pareciam artificiais – Acho que você fez merda Case. Eu apareci e você simplesmente me encaixou na sua imagem de realidade. [...] Só que às vezes eu machuco as pessoas, Case. Acho que é meu hardware. [...] Ela estendeu a mão com as palmas viradas para cima, os dedos brancos ligeiramente abertos, e, com um clique ligeiramente audível, dez lâminas de bisturi dupla face de quatro centímetros deslizaram de dentro de suas bainhas embaixo de suas unhas bordô. Ela sorriu. As lâminas se recolheram lentamente. (GIBSON. 2016, p. 48.)

Ou seja, ainda existe a possibilidade da tecnologia ser complementar ao corpo, dando por exemplo lâminas mortais como modificação das unhas. É importante ainda considerar sobre o livro o quanto a sua linguagem foi muito inovadora, porque Gibson realmente criou todo um aparato linguístico para dar significado para certos equipamentos que não existem, ou não existiam ainda. A linguagem é um marco também para o cyberpunk, porque todas essas palavras dão ainda mais realidade para ambientação, porque causa um estranhamento no



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



leitor no início, pensando que se fossemos acessar o futuro nossa experiência seria muito parecida já que a língua muda sempre. Por exemplo nessa passagem:

Subitamente ele sentiu tensão no ar. Armitage caminhou até a janela e olhou para a baía de Tóquio. – Não é verdade. Uma unidade conseguiu voltar de Helsinque, Case.

Case deu de ombro e tomou um gole de café.

-Você é um cowboy de console. Os protótipos dos programas que você usa para crakear bancos industriais foram desenvolvidos para o Screaming Fist. Para o ataque ao nexus de computação de Kirensk. O módulo básico era um microleve Nightwing, um piloto, um deck de matrix, um jóquei. Estávamos rodando um vírus chamado Toupeira. A série toupeira foi a primeira geração de programas de intrusão de verdade.

-Ice-Breakers, quebra-gelos. – disse Case sobre a borda da caneca vermelha.

-O nome vem de ICE, Intrusion Countermeasures Eletronics: Contramedidas eletrônicas de instrusão. (GIBSON. 2016, p. 51.)

Os próprios termos constroem essa aura tecnológica que é muito particular da obra, por serem termos feitos especificamente para ela, o que significa que se encaixam com a narrativa para construir um mundo e uma linguagem extremamente alinhados. Portanto, Neuromancer e as distopias representam o crescimento entre nós de uma falta de esperança no futuro. É importante considerar que nossa percepção sobre o entrelaçamento entre o passado, presente e futuro também tem sua própria história, o que significa dizer que nos apropriamos de maneira diferente com o passar do tempo da perspectiva sobre esses elementos temporais. Isso é, enxergamos o futuro de formas diferentes dentro de cada contexto. Para entender o porquê das distopias se tornarem tão famosas é importante retomar quais eram os elementos que formavam a temporalidade moderna, porque havia nela um futuro extremamente esperançoso de que o homem aliado a razão e a ciência iria apenas avançar historicamente no sentido linear, ou seja, apenas evoluir e nunca retornar, tudo isso foi colocado sobre o conceito de progresso.

O historiador alemão Reinhart Koselleck dedicou-se, em algumas de suas obras, a pensar, no âmbito da historiografia, certos modos de construção da modernidade, entre elas “Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos”, publicada em 1979, na qual investiga a forma como um determinado tempo presente deu dimensão temporal ao passado e também ao futuro. Na distinção entre o passado e o futuro constitui-se o que Koselleck chama de tempo histórico, relação entre os conceitos de *espaço de experiência* e



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



horizonte de expectativa. Essas duas categorias são muito importantes para pensar qualquer tempo histórico, inclusive o moderno. Porque a única temporalidade capaz de ser vivida é o próprio presente, porém a partir dele se entrelaça esses dois outros aspectos temporais. A partir da existência dessa ligação são colocadas significações no passado e no futuro. Porém essa ligação entre a experiência e a expectativa é geralmente tensa, pois as expectativas são mediadas e limitadas pela experiência passada. Ou seja, só podemos pensar o futuro, caso exista uma orientação do passado, que é elaborado e organizado para que certas questões sejam lembradas e outras esquecidas.

O contexto do século XVIII e XIX é um mundo totalmente diferente caminhando para ser cada vez mais urbanizado e industrializado. É criado um novo horizonte de expectativas as quais, em um processo, se sobrepõem amplamente sobre o espaço de experiência. O presente se torna estruturado na lógica de forjar o passado como pouco relevante e destacar o futuro para coordenar esse período de aceleração que é movido pela ciência conectada com a industrialização e avanço do capitalismo. Ou seja, nessa modernidade a relação com o tempo é muito baseada no futuro que é muito aberto.

A aceleração é anterior a própria vivência através da tecnologia, que apenas aprofundou essa percepção construída temporalmente. O progresso, segundo o historiador, veio de diversas fontes desde a própria técnica até o crescimento populacional, ele é mais do que apenas uma maneira ideológica de compreender o futuro, mas é uma experiência nova que se torna cotidiana para aqueles que a vivem.

O futuro é visto como infinito, único, aberto, desafiador e um lugar a se alcançar através do progresso. Toda essa temporalidade é alimentada por uma esperança em um mundo melhor e mais harmônico construído pelo homem aliado à sua razão, que se desdobrou durante os séculos em ciência e tecnologia. Porém no século XX, são esses ideais que passam a não fazer mais sentido, parecerem enfadonhos e obsoletos, frente a tantas catástrofes, guerras e mortes. A decaída desses preceitos modernos construídos durante esses séculos, mudaram nossa relação com o tempo.

Sobre qual é a nossa percepção atual do tempo, existem muitas interpretações de diferentes historiadores sobre qual é o resultado desse processo de falência da modernidade, entre elas devemos destacar a obra do historiador francês François Hartog “Regimes de



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



historicidade: presentismo e experiências do tempo” e sua perspectiva através do conceito de presentismo. Para Hartog, muito influenciado pela obra do próprio Koselleck, o conceito de regimes de historicidade se refere ao modo como uma sociedade trata seu passado e como produz com essa relação uma narrativa ou outros discursos e formatos, como memória ou patrimônio. Hartog afirma que os historiadores não podem naturalizar o tempo, seu conceito é um instrumento para comparar formas de história e como os homens de determinada época se apropriaram do tempo. Além disso, o conceito abrange como uma sociedade engrena o passado, o presente e o futuro, e como esses se relacionam, ou seja, a ordem do tempo. E o termo historicidade, segundo Hartog, expressa como um indivíduo ou coletividade se desenvolve no tempo.

Segundo a interpretação de Hartog vivemos uma crise no tempo, o que faz com que valores antes aceitos e empregados, não façam mais sentido dentro desse novo tempo. Vivemos indícios de que uma nova ordem do tempo esteja se consolidando, e para Hartog é uma temporalidade na qual o presente é muito alargado, que tem uma relação complicada com o passado por não reconhecer sua experiência e também uma relação ainda mais tensa com o futuro, pois dentro dessa ordem do tempo as potencialidades do futuro tão utilizadas pela modernidade através do progresso, foram esgotadas. Segundo Hartog:

O presentismo pode, assim ser um horizonte aberto ou fechado: aberto para cada vez mais aceleração e mobilidade, fechado para uma sobrevivência diária e um presente estagnante. A isso, deve-se ainda acrescentar outra dimensão de nosso presente: a do futuro percebido, não mais como promessa, mas como ameaça; sob a forma de catástrofes, de um tempo de catástrofes que nós mesmos provocamos. (HARTOG. 2014, p. 15.)

Ou seja, para Hartog, o século XX foi futurista com uma postura levada ao extremo com o regime moderno de historicidade, que negava o passado e considerava o presente como transitório, mas terminou presentista. Alguns indícios dessa transformação são como o contexto pós anos 80 foi de grande crescimento tecnológico e da sociedade de consumo impulsionadas pela globalização e, mesmo assim, não há mais crença no progresso, apenas uma nova percepção de um mundo de catástrofes do qual o homem é o culpado. Se aprofundou uma ampla dominância do presente, que recusa o passado e o futuro.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Outros exemplos que Hartog cita como sintomas dessa transformação temporal é como imediatismo repercutiu como uma fragilização do discurso historiográfico, o passado cria uma ideia de permanência ao presente e por isso a história tem sido substituída pela memória, sintoma de um presente que se historiciza. Porém há um risco porque o presente nos lança em um vazio temporal com o qual a historiografia até então tem pouca intimidade. Porque há uma preferência pela memória que se estabelece como um lugar de conciliação, estabilidade e grandiosidade, através do patrimônio.

Refletindo acerca de como essa mudança temporal e também sobre o conceito de presentismo, podemos pontuar como sintoma desse processo de transformação o crescimento da história do tempo presente. Segundo o historiador francês Henry Rousso, em seu livro “A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo”, as catástrofes do século XX enraizaram a história do tempo presente dentro da disciplina, mas também no âmbito do espaço público. Utilizando o conceito de Hartog de regimes de historicidade demonstra que o tempo é marcado pela tensão entre o atrativo esquecimento e pela necessidade da lembrança.

Para Rousso esse novo pessimismo instaurado com o regime de historicidade presentista trouxe uma enorme dificuldade desse passado próximo realmente passar, ou seja, decorrente das muitas catástrofes ocorridas no século XX, nos tornamos artificialmente contemporâneos de sofrimentos infligidos à toda coletividade, se tornam eventos insuperáveis. Segundo Rousso essas catástrofes mudaram a maneira de escrever a história, assim como contribuíram para mudar a relação entre passado e presente. Corroborando com essa análise o historiador norte-americano Hayden White em seu texto “O evento modernista”, de 1992 afirma que alguns acontecimentos do século XX trouxeram novos e grandes desafios para a historiografia. O contexto de guerras mundiais, conflitos que mais trouxeram mortes na história, acompanhadas de crescimento da população e da fome, pobreza, uso de contaminantes que poluem o planeta e explosões nucleares, funcionam como traumas dentro da consciência individual, segundo White. Esse trauma causa uma brecha para esses acontecimentos que não podem ser esquecidos, mas que também não podem ser adequadamente lembrados. Essa nova dificuldade de significar o que aconteceu faz com que White conceitue esses eventos traumáticos como eventos modernistas, porque são resistentes em se enquadrar nas convenções que anteriormente significavam os eventos. Sua infinitude de



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



significados e detalhes, não permite ser determinado objetivamente, porque as ferramentas também se tornaram obsoletas, considerando que as bases das representações foram dissolvidas.

Porém White afirma que certamente os eventos ainda podem ser representados e significados, apenas precisamos reconhecer que os eventos modernistas nos impuseram uma série de desafios e que para lidar com eles, precisamos de novas ferramentas e técnicas de representação. White considera o Holocausto como um evento paradigmático para compreender o que ele conceitua como um evento modernista e acerca de sua representação e na visão entre história e ficção, por sua natureza, nos escapa a compreensão possível, o que compromete a descrição por qualquer meio para representá-lo e explicá-lo adequadamente. Sobre o Holocausto White afirma:

A falha em questão pertence à natureza dos eventos sob escrutínio; esses eventos parecem resistir ao esforço do historiador tradicional para uma espécie de empatia que permitiria vê-los, como se fosse dentro, nesse caso, da perspectiva do perpetrador. [...] Não é uma questão de estabelecer os fatos da matéria, mas de representar os eventos estabelecidos como fatos, de modo a fazer tais eventos críveis para leitores que não dispõem de mais experiência de tais eventos do que do próprio historiador. (WHITE. 1992, p. 212.)

Portanto, o contexto do século XX formou uma obsolescência das ferramentas de representação, que foram construídas e consolidadas na modernidade. Esses eventos catastróficos, como holocausto, trouxeram uma crise nos preceitos que formavam essa modernidade, e por isso precisamos inserir outras opções possíveis dentro dessas novas disposições. Portanto, para White e Rousso essas transformações impactaram a história, porém o próprio grande público desempenhou um papel importante demandando cada vez mais uma instantaneidade que fez crescer também a história próxima. Outro aspecto que contribuiu para o crescimento da história do tempo presente foi a explosão das novas tecnologias que permitiram a evolução do campo audiovisual que permitiu uma relação diferenciada com os arquivos. Além de que para Rousso o sucesso da história do tempo presente é diretamente conectado com às mudanças do regime de historicidade e a crise do futuro que acompanha o presentismo. Porém, Rousso afirma que a história do tempo presente



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



não é um sintoma da crise que vivemos, na realidade o historiador a encara como um antídoto, para compreender o nosso tempo.

Dessa maneira, Rousso acredita que a história não deve, por se dedicar ao tempo presente, se tornar sem espessura e sem profundidade e não se reduzir a instantes. A fronteira entre o passado e o presente é menor na temporalidade atual pela vontade de conservar o presente em sua instantaneidade e por isso há dentro da história do tempo presente uma necessidade de proximidade necessária, porque se estuda um processo em curso, que precisa de análises para não ficar presa em presentes fugazes e não correr atrás de instantes e atualidades. Por isso é preciso assumir que as análises tem caráter provisório, o que não significa negar a disciplina histórica e sua relevância para o processo da construção do conhecimento. Ou seja, a história do tempo presente abre outras possibilidades de pesquisa, da qual se especializa progressivamente de maneira teórica e metodológica para se afirmar como um campo importante da história na atualidade.

Ainda refletindo sobre esse processo de falência dos ideais da modernidade, podemos considerar um outro impacto bastante importante para a história, o movimento pós-moderno. Nessa mudança de temporalidade houve uma crítica de dentro da própria história dirigida à história moderna, por seus preceitos científicos que segundo os pós-modernos, apenas engessaram a história. Segundo o Luis Mussy, em seu trabalho “Historiografia postmoderna un manifesto”, a pós-modernidade teoricamente aponta a falência das grandes narrativas, antes muito utilizadas, como marxismo, estruturalismo, positivismo entre outras. Assim como, os pós-modernos também colocam em dúvida toda a noção construída ao redor do que considerávamos como real, porque anteriormente as ciências humanas utilizavam explicações totalizantes para compreender o real com certezas, porém essa é uma explicação em falência. Porque o real é construído pelas relações de poder dispostas na sociedade, política e outras instituições.

Para Mussy, não basta desconstruir os preceitos modernos da historiografia, é preciso agir sobre a máquina representacional, que se dá a partir da historização das próprias práticas historiográficas, da posição crítica as categorias que legitimam as práticas historiográficas e ainda a crítica sobre as relações que organizam valores dentro do campo historiográfico. E



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



pensar nessa função como algo que depende de escolhas que estão dentro de um lugar político e ético, além de valorizar os objetos e a temporalidade que atuamos.

Os pós-modernos também refletem acerca dos limites da representação do passado, porque um acontecimento em si não tem significado, o significado dado pelo historiador é narrativo. Portanto, a história não pode ser entendida fora dos relatos que a constroem, pois os acontecimentos não são algo dado e externo a essa operação. Essa crítica se tornou um movimento, conhecido como virada linguística, esta inaugurou uma crise pragmática dentro da historiografia e coincide temporalmente com o fim do século e com a falência dos ideais da modernidade.

É importante para nosso objeto de pesquisa entender quais são as predisposições sobre o posicionamento dos autores alcunhados de pós-modernos. Porque suas reivindicações dentro do campo historiográfico são parte das mesmas transformações das quais *Neuromancer* também está inserido. A falência dos ideais da modernidade que alimenta as distopias na literatura, assim como uma crítica dentro do campo historiográfico que resulta na posição dos pós-modernos e seu modo de compreensão, dentro dessa nova temporalidade, das disposições da história.

Portanto, concluímos que fazem parte do mesmo processo de crescimento das distopias literárias, das quais podemos citar *Neuromancer* como exemplo, também a crítica advinda do movimento historiográfico pós-moderno e ainda a urgência da história do tempo presente. Todos esses citados são parte da conjuntura de fim da temporalidade moderna que detinha um futuro muito esperançoso sintetizado pelo conceito de progresso, para o avanço de uma nova temporalidade considerada presentista, da qual o presente é muito alargado o que faz com que o futuro pareça desesperançoso e catastrófico, o que alimenta narrativas distópicas. Portanto, analisar esse processo é importante para compreender quais são as disposições da nossa atualidade.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



REFERÊNCIAS

Fonte

GIBSON, William. **Neuromancer**. 5ª edição. São Paulo: Editora Aleph, 2016.

Bibliografia

BERARDI, Franco. **Depois do futuro**. São Paulo: Editora Ubu, 2019.

BUCK-MORSS, Susan. **Mundo de sonho e catástrofe: o desaparecimento da utopia de massas na União Soviética e nos Estados Unidos**. Florianópolis. Editora UFSC. 2018.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Coleção história e historiografia. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Editora Contraponto - PUC-Rio, 2012.

MUSSY, Luis G. de. Historiografia postmoderna un manifesto. In: MUSSY, Luis G. de. VALDERRAMA, Miguel. **Historiografía postmoderna: conceptos, figuras, manifiestos**. Santiago. Ril editores – Ediciones Universidad Finis Terrae, 2010.

ROUSSO, Henry. **A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo**. Rio de Janeiro: FGV, 2016.

WHITE, Hayden. O evento modernista. **Revista Lugar Comum**. Nº 5-6, p. 191-219, 1992.